

GREVES DE TRABALHADORES REPRESENTADAS NA FICÇÃO CIENTÍFICA

*José Carlos de Carvalho Baboin**

Resumo:

A greve é um movimento de trabalhadores que, embora individualmente afetados por uma situação adversa, compartilham em sua concretude das mesmas causas e consequências. Dessa maneira, a greve não é um simples exercício de vontade para resolução de um problema individual no seio de uma coletividade. A greve é também o exercício da solidariedade, através de uma atuação de alteridade para com os demais trabalhadores, não só de sua categoria ou local de trabalho, mas de toda a sociedade. Muitas greves só logram sucesso quando entes externos ao próprio movimento grevista se põem em seu favor. A alteridade é central, embora não essencial, para o exercício eficaz da greve. A ficção científica, por sua vez, se apresenta como um excelente instrumento de crítica das atuações sociais, uma forma de se distanciar dos preconceitos do presente e testar possibilidades em um campo teórico. Duas obras serão utilizadas para a análise central: o episódio “Bar Association”, da série Star Trek: Deep Space 9, e o episódio “Dirty Hands”, da série Battlestar Galactica. Ao apresentar a situação no futuro, o gênero traz à reflexão a própria situação do presente.

Palavras-chave: Greve. Direito coletivo do trabalho. Ficção científica.

Sumário: 1. Introdução 2. A greve e a ficção científica 3. A greve de operários em Battlestar Galactica 4. A greve dos funcionários do bar em Star Trek: Deep Space 9. 5. Conclusão. 6. Referências bibliográficas.

* Graduado em Direito pela Universidade de São Paulo (2008), mestre em Direito Social pela Universidade Paris I - Panthéon-Sorbonne (2011, reconhecido pela UFPR em 2014) e mestre em Direito do Trabalho pela Universidade de São Paulo (2013). Doutorando em Direito do Trabalho pela Universidade de São Paulo. Pesquisador no Grupo de Pesquisa Trabalho e Capital da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

A greve é um movimento de trabalhadores que, embora individualmente afetados por uma situação adversa, compartilham em sua concretude das mesmas causas e consequências. Dessa maneira, a greve não é um simples exercício de vontade para resolução de um problema individual no seio de uma coletividade. A greve é também o exercício da solidariedade, através de uma atuação de alteridade para com os demais trabalhadores, não só de sua categoria ou local de trabalho, mas de toda a sociedade. Muitas greves só logram sucesso quando entes externos ao próprio movimento grevista se põem em seu favor. Estes entes podem ser consumidores, fornecedores, trabalhadores de outras áreas ou empresas, governantes ou mesmo o próprio empregador. A alteridade, portanto, é central, embora não essencial, para o exercício eficaz da greve.

A ficção científica, por sua vez, se apresenta como um excelente instrumento de crítica das atuações sociais, uma forma de se distanciar dos preconceitos do presente e testar possibilidades em um campo teórico.

Para esta análise, utilizarei como suporte teórico a teoria crítica. Isso impõe reconhecer que através dela pode-se apreender nada menos que a totalidade do mundo humano ou do campo social como objeto. Conforme sustenta Carl Freedman:

“De todos os gêneros, a Ficção Científica é ainda o mais devotado à concretude histórica e à rigorosa auto-reflexão da Teoria Crítica. Seu mundo não é simplesmente um lugar no tempo e no espaço diferente do nosso, mas que quer evidenciar justamente a diferença, que se realiza como continuum do atual”¹.

Ao apresentar a situação no futuro, o gênero traz à reflexão a própria situação do presente. Como afirma Freedman, o futuro apresentado pela ficção científica existe sobretudo em decorrência do momento presente².

2. A GREVE E A FICÇÃO CIENTÍFICA

A paralisação de trabalhadores como forma de pressão para a concretização de suas demandas é uma estratégia muito utilizada ao longo da história. Entretanto, o conceito de greve como conhecemos hoje só surgiu

1 FREEDMAN, Carl. *Critical Theory and Science Fiction*. Middletown: Wesleyan University Press, 2000, p. XIX

2 FREEDMAN, Carl. *Op. Cit.* p.55.

após a revolução industrial, com o aperfeiçoamento do capitalismo e criação de uma massa urbana de trabalhadores assalariados.

O capitalismo industrial do século 19, com confinamento desta massa de pessoas por longos períodos em um espaço geográfico limitado, aliado com péssimas condições de vida e de trabalho, criou o germe de sua própria contestação. O termo “greve” tem sua origem na “Place de Greve”, em Paris, um local à margem do rio Sena onde os trabalhadores se reuniam para debater as penosas condições de trabalho.

Apesar do uso da greve não ser o mesmo desde o seu início, assim como seus objetivos e tratamentos, historicamente, o uso da palavra greve “acabou por exprimir as formas de descontentamento e de protesto dos trabalhadores, as suas práticas de luta. O conceito foi sendo modelado por essas formas e por essas práticas, embora para tal modelação tivessem contribuído também a repressão policial e judiciária”³.

Apesar de hodiernamente ser comum a visão da greve como um direito dos trabalhadores, com um processo relegado à esfera jurídica, a greve é, antes de tudo, um fato social. Não apenas isso, mas também um fato social desvinculado da regulamentação jurídica, uma vez que existe e atua independentemente da sua prescrição normativa. O advento da positivação da greve por um ordenamento jurídico estatal é posterior à greve como fato social.

Esta questão leva alguns estudiosos a defender que a greve sequer pode ser objeto de Direito, eis que se trata de uma negação da própria ordem jurídica consubstanciada no contrato de trabalho firmado pelo trabalhador com a empresa, que delimita, segundo a lógica da livre disposição de vontade das partes, os modos de prestação laboral e contraprestação pecuniária. Esta linha de pensamento conclui que a efetividade das greves ocorre somente nas esferas históricas e culturais, não podendo se enquadrar no direito por ser algo cuja realidade é anterior ou exterior ao direito⁴.

Ao mesmo tempo que a greve foi sendo modelada pelo sistema capitalista, o sistema capitalista também foi sendo modelado pela greve. Conquistas como direitos trabalhistas, seguridade social e benefícios do Estado de bem-estar social podem ser atribuídos a essas lutas dos trabalhadores. Esta análise histórico-dialética da greve é essencial para sua apreensão, tanto em seu exercício concreto no presente quanto na sua projeção em obras artísticas.

3 LEAL, Antonio da Silva. O conceito de greve e o problema das fontes terminológicas e conceituais do Direito do Trabalho, in *Temas de Direito do Trabalho – Direito do Trabalho na Crise. Poder empresarial. Greves Atípicas, IV Jornadas Luso-hispano-brasileiras de Direito do Trabalho*. Coimbra: Coimbra, 1990. Pag.565

4 GOMES, Orlando e GOTTSCHALK, Elson. Curso de Direito do Trabalho. 12ªEd. Rio de Janeiro: Forense, 1991. P.626

O gênero de ficção científica apresenta questionamentos sobre o funcionamento social da humanidade, e este questionamento inclui, por vezes, as relações laborais e o confronto entre trabalhadores e empregadores.

Ressalte-se que não temos aqui a pretensão de discutir o conceito de ficção científica. Como aponta Carl Freedman, “é sintomático da complexidade da ficção científica como gênero que as discussões críticas sobre ela tendam a dedicar considerável atenção para o problema de definição”, ressaltando que “não existe consenso nesta definição”⁵.

Duas obras serão utilizadas para a análise central: o episódio “Bar Association”, da série Star Trek: Deep Space 9, e o episódio “Dirty Hands”, da série Battlestar Galactica.

Em comum, ambas as séries possuem o mote da exploração espacial, embora com motivações distintas. Como distinção, enquanto no universo de Star Trek a humanidade atingiu um elevado grau de desenvolvimento social em conjunto com o desenvolvimento tecnológico, possibilitando a criação de um sistema federativo entre diversos planetas e raças com vistas à promoção da paz universal, na série Battlestar Galactica temos uma sociedade decadente, que sofre um gigantesco ataque de máquinas que se rebelaram contra seus criadores. Nesta série, a humanidade busca um local novo e seguro para garantir sua sobrevivência.

3. A GREVE DE OPERÁRIOS EM BATTLESTAR GALACTICA

Em “Dirty Hands”, 16º episódio da 3ª temporada da série Battlestar Galactica, transmitido em 2007, um grande descontentamento surge na nave Hitei Kan, que seve como refinaria para processamento de combustível para todas as naves da frota.

Diante das péssimas condições de trabalho, como o ambiente totalmente insalubre e as longas jornadas ininterruptas, bem como uso de trabalho infantil, os representantes da nave tentaram reuniões com a presidente da frota, Laura Roslin, nunca sendo sequer ouvidos em suas demandas. Como medida desesperada, os trabalhadores sabotam o combustível e escondem peças que impedem o funcionamento da linha de produção, atitude que leva à prisão do diretor da refinaria, Zeno Fenner.

Mara solucionar o problema, a presidente Roslin designa o engenheiro chefe Galen Tyrol para ir até a refinaria e coloca-la para funcionar novamente. Diante da negativa dos trabalhadores em retomarem a produção de combustível, a

5 FREEDMAN, Carl. Op. Cit, p.13

presidente ordena a prisão de outro líder, Cavett. Diante da prisão dos dois líderes, Tyrol consegue descobrir onde estão as peças necessárias para retomar o funcionamento da refinaria.

Entretanto, com pouco tempo de funcionamento, a linha de produção apresenta uma pane, e na tentativa de ajuste um jovem machuca gravemente o braço. Esta cena marca profundamente Tyrol, que se desloca até os controles de máquinas e desliga toda a produção da refinaria, declarando que a partir daquele momento eles estavam de greve, atitude que foi amplamente comemorada pelos trabalhadores.

A deflagração de greve leva à prisão de Tyrol, e o general Adama ameaça executar a esposa do grevista em decorrência de motim. A grave ameaça faz com que Tyrol suspenda a greve. Logo após esse episódio, a presidente Roslin chama Tyrol para uma reunião, e o reconhece como representante de todos os trabalhadores da frota, dando a entender que o diálogo estava aberto e que todas as demandas seriam averiguadas.

Inicialmente, deve-se ressaltar que o local de trabalho apresentado na refinaria se assemelha com imagens tradicionais de fábricas do século XIX (apesar da existência de uma linha de montagem típica do sistema fordista). Visualmente, lembra em muitos aspectos o trabalho em minas de carvão, inclusive no ambiente claustrofóbico, sujo e pouco iluminado. Esta distinção, apesar de facilitar à audiência a compreensão da precariedade das condições dos trabalhadores, também traz como consequência negativa a relativização das condições do presente, impondo no imaginário coletivo que a greve só teria legitimidade em tais condições extremas.

Embora algumas simplificações sejam inevitáveis para fazer a trama se adequar aos 45 minutos do episódio, ainda assim a série apresenta uma visão muito limitada de um movimento grevista.

Neste episódio, os trabalhadores são apresentados apenas como uma massa passiva, sem atuação concreta na greve senão no ato de acatar as ordens das lideranças.

Apesar de ficar evidente que os trabalhadores estão insatisfeitos com as condições de trabalho e serem favoráveis à paralização da produção como forma de pressão, assim que Tyrol retorna à refinaria com as peças necessárias para retomar o funcionamento da linha de produção, os trabalhadores retornam passivamente ao labor. Ressalte-se que até este momento sequer havia sido mencionada a palavra “greve”.

Entretanto, após presenciar um acidente a refinaria, Tyrol tem um epifania, que o leva a desligar as máquinas e, sem qualquer tipo de consulta,

afirmar a todos que eles estão em greve. Nesse momento, a série personifica em um único personagem toda a classe trabalhadora. Esse ponto é reiterado na cena de sua prisão, quando, após grave ameaça do almirante Adama, Tyrol fala com sua esposa e afirma que a greve acabou.

Como movimento coletivo que a greve é, o máximo que Tyrol poderia fazer era manifestar seu repúdio pela paralisação e tentar convencer os trabalhadores a voltarem ao trabalho. No caso do episódio, a centralização das decisões em um único personagem faz transparecer uma visão de que a greve não é algo conscientemente exercido pela coletividade dos trabalhadores, mas sim resultado da atuação de uma burocracia que age em nome próprio, mas em suposto benefício dos trabalhadores.

Entretanto, essa visão também pode gerar atuações distorcidas da função de uma organização de trabalhadores, sobretudo no tocante à atuação de um sindicato. Apesar disso, no presente caso o sindicato é apresentado como algo benéfico, tanto aos trabalhadores quanto à coletividade, em contraste com o paradigma de Hollywood, que possui inúmeras referências ao sindicato como organização que tende à criminalidade.

Esta visão benéfica do sindicato é constatada na reunião de Tyrol com a presidente Roslin logo após o fim da greve. A presidente constata que o representante dos trabalhadores é um canal direto entre as esferas de poder e aqueles que produzem os bens necessários para sobrevivência da frota. Um problema que podemos constatar neste desfecho é que a greve não foi resolvida em decorrência da pressão dos trabalhadores, mas sim diante de uma suposta benevolência da cúpula do poder. A greve já havia cessado e não havia mais necessidade de ceder; mesmo assim, as demandas dos trabalhadores foram ouvidas e planos foram traçados. A figura do empregador benevolente é, então, apresentada como solução para a solução de conflitos, retirando dos trabalhadores a força para extrair suas reivindicações.

Outro ponto a ser explorado é a sabotagem do combustível, primeira atitude dos trabalhadores em busca de voz para suas demandas. A sabotagem foi um meio muito empregado ao longo da história das lutas laborais, atingindo grande repercussão durante o ludismo. Conforme aponta Hobsbawn:

“Este tipo de destruição era uma parte tradicional e estabelecida do conflito industrial no período do sistema doméstico de fabricação, e nas primeiras fases das fábricas e minas. Ele não era dirigido apenas contra as máquinas, mas também contra as matérias-primas, produtos acabados, ou

mesmo a propriedade privada dos empregados, dependendo do tipo de danos a que estes eram mais sensíveis”⁶

Hobsbawn esclarece ainda que isso “não implica nenhuma hostilidade especial contra as máquinas como tal, mas é, sob certas condições, um meio normal de fazer pressão contra os empregadores ou os trabalhadores extras”. O autor ressalta ainda outra vantagem dessa técnica de destruição: o incremento da solidariedade de classe, eis que “o hábito da solidariedade, que é o fundamento do sindicalismo eficaz, leva tempo para aprender(...). Leva mais tempo ainda para integrar o código de ética incontestada da classe trabalhadora”. Dessa maneira, expõe que “entre homens e mulheres mal pagos, sem fundos de greve, o perigo de furadores de greves é sempre agudo. A quebra de máquinas foi um dos métodos de contra-atacar essas fraquezas”⁷.

Ressalte-se, por fim, que este não é o primeiro episódio de Battlestar Galactica que Tyrol aparece como representante dos trabalhadores. No último episódio da 2ª temporada, quando todos os tripulantes estavam desembarcados tentando colonizar um planeta, Tyrol exerceu o cargo de presidente do sindicato e fez um discurso durante uma assembleia de trabalhadores, apontando as dificuldades em relação à manutenção dos postos de trabalho e benefícios aos trabalhadores.

Conclui seu discurso da seguinte maneira:

“Mas chega uma hora em que você se dá conta de que o motor que você construiu com seu sangue, com seu suor e com suas lágrimas está sendo usado para algo tão vil, tão pervertido que te deixa doente no coração. E é nessa hora que você deve atirar seu corpo nas engrenagens, nas alavancas e na própria máquina para fazê-la parar. E mostrar para as pessoas que a governam, para as pessoas que a controlam, que, a menos que sejamos livres, a máquina irá parar de funcionar completamente.”

Após seu discurso, os membros da assembleia gritam em coro pela deflagração de uma greve.

O discurso apresentado na série Battlestar Galactica é quase idêntico a

6 HOBBSAWN, Eric J. Os Trabalhadores – Estudos Sobre a História do Operariado. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. Pp.19/20.

7 Idem, p.22

um trecho de um famoso discurso de Mario Savio, apresentado em um discurso em Berkley, na Universidade da Califórnia em 2 de dezembro de 1964:

“Chega um tempo, que a operação de uma máquina se torna tão odiosa — faz tão mal ao coração — que você não pode fazer parte. Você não pode nem passivelmente fazer parte! Então é preciso jogar seus corpos contra as engrenagens, contra os mecanismos, contra as manivelas, contra todo o aparato! E você tem que fazê-lo parar! E você tem que chamar a atenção das pessoas que comandam isso, para as pessoas que mandam nisso, que se você não for livre, a máquina vai ser impedida de trabalhar de vez”.

O discurso de Savio foi a resposta do movimento estudantil à proibição recém efetuada pela universidade, que vedava qualquer manifestação política nas suas dependências. Não se tratava, portanto, de uma manifestação de trabalhadores ou em decorrência do trabalho. O discurso era um chamado à mobilização dos estudantes por todos os meios possíveis. Trata-se de um discurso utilizado na luta pela ampla liberdade de expressão.

Os roteiristas de *Battlestar Galactica* apresentam o mesmo discurso em um contexto totalmente diverso, se apossando de uma construção de significado já existente na sociedade americana para apresenta-la como justificativa para um evento que, em caso diverso, talvez não houvesse tanto apoio da audiência. O caso apresentado por Tyrol não trata de liberdade de expressão. Entretanto, ao utilizar na série de um famoso texto que trata disso, desvia o foco da questão central, que é a disputa trabalhista. Esta análise crítica permite auferir as contradições existentes na obra em análise. Como aponta Freedman, “com a dissolução das reificadas categorias estáticas do status quo ideológico, a teoria crítica mostra constantemente que as coisas não são o que parecem ser e que as coisas não tem que ser sempre como são”⁸.

4. A GREVE DOS FUNCIONÁRIOS DO BAR EM STAR TREK: DEEP SPACE 9

Ao contrário da greve anterior, que foi deflagrada em uma linha de produção em decorrência das exaustivas e insalubres condições de trabalho, a greve em *Star Trek: Deep Space 9* é fruto de disputa salarial e fruição de descansos.

8 FREEDMAN, Carl. Op. Cit. p.8.

Transmitido em 1996, o 15º episódio da 4ª temporada, denominado “Bar Association”, começa com o personagem Rom desmaiando em decorrência de uma infecção no ouvido. Rom trabalha com garçom no bar Quark e, assim como grande parte dos trabalhadores deste bar, pertencente a uma raça denominada ferengi, que possui um estrito código de conduta baseado no enriquecimento através do trabalho alheio e respeito à livre pactuação entre trabalhador e empregador através de contratos leoninos. O empregador de Rom é seu irmão, Quark.

Durante seu tratamento na enfermaria, o Dr. Bashir sugere a Rom a criação de um sindicato para lutar por um contrato de trabalho médico. A sugestão é recebida com temor por Rom. Como diz Rom ao médico “nós ferengi não queremos acabar com a exploração.

Queremos achar um meio de sermos os exploradores”⁹.

Entretanto, assim que retorna ao local de trabalho, Rom é surpreendido com a notícia de que todos os salários serão reduzidos em um terço. Este fato faz Rom sugerir a criação de um sindicato aos demais trabalhadores, sugestão que chega com grande medo por parte dos demais trabalhadores, mas é acatada.

Chefe O’Brien sugere a Rom a deflagração de greve, citando como exemplo a greve de mineiros de carvão na Pensilvânia no ano de 1902.

Após terem suas reivindicações de aumento salarial, redução de carga horária e licença médica remunerada negados, os trabalhadores decidem entrar em greve.

Durante os diversos embates e negociações com o empregador, Rom chega a ser subornado para acabar com a greve. Diante disto, lê em seu dispositivo o seguinte texto: “Trabalhadores do mundo, uni-vos. Vocês não têm nada a perder a não ser suas correntes”.

Rom e os demais grevistas se mantem firmes em sua paralisação, mesmo diante das ameaças da associação comercial de ferenginar. Ao final, Rom e os trabalhadores concordam em suspender a greve e dissolver o sindicato e, em troca, Quark aceita cumprir com todas as reivindicações dos trabalhadores.

9 A negativa a participar de um sindicato e, conseqüentemente, de uma greve, trás à tona uma das cenas finais de “Eles não usam Black Tie”, de Gianfrancesco Guarnieri: “*TIÃO (num grande desabafo): Medo, está bem Maria, medo! Eu tive medo sempre! A história do cinema é mentira! Eu disse porque eu quero sê alguma coisa, eu preciso sê alguma coisa! Não queria ficá aqui sempre, tá me entendendo? Tá me entendendo? A greve me metia medo. Um medo diferente! Não medo da greve! Medo de sê operário! Medo de não sai nunca mais daqui! Fazê greve é sê mais operário ainda!*”

Apesar da greve se apresentar como um grande sucesso, a exigência de dissolução do sindicato represente um grave golpe contra os trabalhadores. Os benefícios conquistados são frágeis e passíveis de revisão a qualquer momento, entretanto, reorganizar os trabalhadores com tamanha afinidade e solidariedade sem a manutenção do sindicato se apresenta como uma tarefa muito difícil.

Importante ressaltar que mesmo diante da positivação da proibição de criação de um sindicato, assim como de exercício da greve, tais normas se apresentaram como irrelevantes diante dos fatos concretos de opressão. O problema da proibição e limitação da greve foi fruto de inúmeros embates no campo jurídico. Entretanto, os fatos históricos demonstraram que “a tentativa de limitar-se juridicamente este fato, maior do que o direito, é uma das buscas mais constantes dos ordenamentos jurídicos diversos. O fato, no entanto, continua, neste ponto, sendo maior e mais forte do que as forças do próprio direito”¹⁰.

A proibição da greve se mostra apenas uma barreira que, uma vez superada pelos trabalhadores diante das condições adversas de trabalho, só reforça a solidariedade e alteridade entre todos os trabalhadores envolvidos.

No presente caso, o exemplo apresentado pelo episódio de Star Trek aponta, no futuro, problemas recorrentes na sociedade americana. Sem uma proteção específica ao exercício da greve, bem como a proeminência das normas individuais sobre a legislação do trabalho, as dificuldades organizacionais são consideráveis.

A apresentação deste problema em um ambiente futuro aponta no passado caminhos para sua superação. Segundo Carl Freedman, “o futuro é crucial para a ficção científica não como um registro cronológico específico, mas como um lócus de uma alteridade radical para o status quo mundano, que é, portanto, alienado e historicizado como o passado concreto de um potencial futuro”¹¹.

Importante notar também a referência explícita ao Manifesto Comunista de Marx proferida em discurso de Rom ao seu empregador. Dificilmente tal intervenção seria aceita pelo público em uma obra televisiva dos EUA se não fosse pela roupagem de ficção científica existente nesta série.

Inevitável fazer referência a outro episódio da mesma franquia. Trata-se do 21º episódio da 3ª temporada de Star Trek: The Original Series, denominado “The Cloud Minders”. O episódio, transmitido em 1969, apresenta a visita do capitão Kirk e Spock ao planeta Ardana em busca de um mineral capaz de

10 CORREIA, Marcus O.G. Direito Constitucional do Trabalho - Relações coletivas, in Correia, Marcus O.G.(org), *Curso de Direito do Trabalho*. São Paulo: LTr, 2007, vol. I, p. 25

11 FREEDMAN, Carl. Op. Cit., p.55.

eliminar uma praga que consome outro planeta da Federação. Entretanto, em pouco tempo no planeta os personagens percebem a grande disparidade social existente, que força a grande massa de trabalhadores a viverem na superfície estéril do planeta, enquanto a elite vive com luxo em uma cidade flutuante sem a necessidade de trabalhar. Desta situação se desencadeia um confronto direto entre as classes, com a insurgência dos trabalhadores.

Ao contrário do episódio “Bar Association”, em “Cloud Minders” os trabalhadores não se organizam coletivamente como sindicato para protestar por suas demandas. Neste caso, a resposta dos trabalhadores à opressão a que são submetidos é a rebelião agressiva, não se limitando apenas a reter os produtos que produzem, mas também utilizando medidas desesperadas como raptos e ameaças. A questão se resolve apenas após a mediação do capitão Kirk, que age como verdadeiro juiz da causa, apontando concessões e soluções a ambas as partes.

Trata-se, aqui também, de evidente crítica à segregação social e às desigualdades de renda e trabalho que começam a ruir o ideário do American Way Of Life do início dos anos 60. Esta crítica severa é muito mais palatável quando apresentada desta forma indireta, através de um problema temporalmente distante em uma sociedade distinta. Como aponta Lincoln Geraghty, “Star Trek situa eventos históricos e questões contemporâneas em um formato de ficção científica que faz com que suas histórias sejam entendidas pela audiência como ficção, mas as mensagens sociais transmitidas podem ser digeridas sem ressentimento”¹².

Em ambos os casos, contudo, Star Trek apresenta à sua audiência símbolos e situações relativamente familiares, presentes de certa maneira em sua própria sociedade, possibilitando a ela obter um vislumbre histórico de seus problemas e de sua cultura.

5. CONCLUSÃO

A deflagração de uma greve ocorre majoritariamente por interesses individuais que, coletivamente organizados, se direcionam à resolução de uma causa comum. Desta maneira, trabalhadores se insurgem, por exemplo, contra uma norma injusta, uma rotina de trabalho opressiva, contra salários baixos ou condições ambientais insalubres. Entretanto, a motivação da greve não cessa aí. Muitas vezes, o espírito de solidariedade é essencial para o desenvolvimento eficaz da paralisação de trabalhadores. Esta solidariedade exige um exercício

12 GERAGHTY, Lincoln. *Living With Star Trek – American Culture and the Star Trek Universe*. Londres: I.B. Tauris, 2007, p.31.

de alteridade na medida em que mesmo aqueles que não são afetados pelas condições adversas notam a necessidade das demandas pleiteadas pelos grevistas.

Esse é o caso de Tyrol na série *Battlestar Galactica* que, mesmo não sendo um trabalhador da refinaria, compreende a emergência das demandas dos operários e deflagra o movimento grevista. Neste caso, a alteridade só foi possível após o personagem vivenciar, ainda que brevemente, as condições degradantes às quais os trabalhadores eram submetidos.

Apenas após se colocar no lugar desses operários Tyrol tomou consciência de seu próprio lugar na estrutura social daquela frota de naves. Percebeu, com isso, que os rumos que foram traçados pelos comandantes estimulavam a estratificação de classes, o determinismo social e a manutenção de privilégios. Esta tomada de consciência foi essencial para o desenvolvimento do personagem ao longo do episódio, que culminou com a busca de soluções através do diálogo com a presidente Roslin.

Verificamos também o desenvolvimento de alteridade nas atuações dos personagens Chefe O'Brien e Dr. Bashir na Série *Star Trek: Deep Space 9*. Após o início da greve dos trabalhadores do bar de Quark, ambos os personagens suspenderam suas visitas ao local e passaram a fazer vigília em sua porta para verificar quem adentrava o estabelecimento. O auge desta atuação ocorreu quando o tenente Worf entrou no bar. Para impedir que ele prejudicasse o movimento grevista, ambos foram atrás dele, ocasionando uma briga entre os personagens.

A atuação do Capitão Kirk em "Cloud Minders" também demanda um grande exercício de alteridade para resolver o conflito existente, propondo soluções que satisfaçam ambas as partes de modo duradouro.

Todas essas situações apresentam à audiência conflitos existentes em sua própria sociedade. A abstração narrativa através do véu futurista não impede a apreensão dos conflitos existentes no cerne da questão, apenas os torna mais palatáveis ao público. É função, portanto, da teoria crítica expor tais questões, contextualiza-las historicamente e averiguar as soluções propostas pela obra de ficção.

Compartilho mais uma vez a mesma visão que Freedman ao escrever que "apesar das imensas dificuldade e complexidades, eu acredito que que tanto a teoria crítica quanto a ficção científica têm o potencial de desempenhar papéis decisivos na libertação da humanidade da opressão"¹³.

13 FREEDMAN, Carl. Op. Cit, p. XX

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas I. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOULD, Mark; MIÉVILLE, China. Red Planets – Marxism and Science Fiction. Connecticut: Wesleyan University Press, 2009.
- CORREIA, Marcus O.G. Direito Constitucional do Trabalho - Relações coletivas, in Correia, Marcus O.G.(org), *Curso de Direito do Trabalho*. São Paulo: LTr, 2007, vol. I.
- COSER, Lewis. The Functions of social conflict. London: Routledge and Kegan, 1956
- DELGADO, Maurício Godinho. Curso de Direito do Trabalho. 18ª edição. São Paulo: LTr, 2019.
- FREEDMAN, Carl. Critical Theory and Science Fiction. Middletown: Wesleyan University Press, 2000, p. XIX
- GERAGHTY, Lincoln. Living With Star Trek – American Culture and the Star Trek Universe. Londres: I.B. Tauris, 2007, p.31.
- GOMES, Orlando e GOTTSCHALK, Elson. *Curso de Direito do Trabalho*. 12ªEd. Rio de Janeiro: Forense,
- HOBSBAWN, Eric J. Os Trabalhadores – Estudos Sobre a História do Operariado. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- LEAL, Antonio da Silva. O conceito de greve e o problema das fontes terminológicas e conceituais do Direito do Trabalho, in *Temas de Direito do Trabalho – Direito do Trabalho na Crise. Poder empresarial. Greves Atípicas, IV Jornadas Luso-hispano-brasileiras de Direito do Trabalho*. Coimbra: Coimbra, 1990.
- LÖWY, Michael. Ideologia e Ciências Sociais. São Paulo: Cortez, 2010.
- NASCIMENTO, Amauri Mascaro. Compêndio de direito sindical. São Paulo, LTr, 2000.
- SINAY, Hélène; JAVILLIER, Jean Claude. La grève. Traité du droit du travail. Paris, Dalloz, 1984.
- SÜSSEKIND, Arnaldo. Relações coletivas de trabalho. São Paulo, LTr, 1989.
- SUVIN, Darko. Metamorphoses of Science Fiction. New Haven; London: Yale University Press, 1979.